



## O Teatro em Diálogo com a Lisboa Seiscentista

Raquel Medina Cabeças

Prefácio de Miguel Figueira de Faria

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO SERRA HENRIQUES

## O TEATRO EM DIÁLOGO COM A LISBOA SEISCENTISTA

**RAQUEL MEDINA CABEÇAS**

Lisboa, Publicações da Fundação Serra Henriques

2022, 192 pp.

# VISITA DAS FONTES: LUGARES DO TEATRO NA LISBOA DE SEISCENTOS

**JOSÉ PEDRO SOUSA**

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

O volume *O Teatro em Diálogo com a Lisboa Seiscentista*, de Raquel Medina Cabeças, parte da aturada investigação de doutoramento em História que a autora apresentou à Universidade Autónoma de Lisboa em 2020. Este trabalho congrega a História da Arte com a Arquitectura e o Urbanismo, sendo exemplo de boas práticas neste cruzamento disciplinar, na senda de outros como a tese de doutoramento de Luís Soares Carneiro (Carneiro, 2003) sobre teatros portugueses de raiz italiana ou a dissertação de mestrado de Bruno Henriques (Henriques, 2014) sobre o Teatro D. Fernando. Todos os autores acima têm formação de base em Arquitectura, enfoque basilar para reconstruir a história de lugares de representação de teatro (sejam eles concebidos para essa função desde o princípio, sejam a ela adaptados) sobre os quais trabalharam. Todos recorrem a fontes primárias para alicerçar a sua investigação, trazendo a lume documentação inédita que, pela sua natureza peculiar, requer o olhar versado do arquitecto para a sua boa leitura e interpretação. Apesar deste ponto de partida comum, cada um dos trabalhos apresenta especificidades, seja pelo contexto em que a investigação se insere (ciclo e programa de estudos), seja pela escolha do próprio objecto de estudo. Neste conjunto,

Raquel Cabeças é a investigadora que mais recua no tempo, levando o leitor ao Portugal do século XVII, da Monarquia Dual (1580-1640) e da grande influência cultural castelhana, particularmente visível ao nível da actividade teatral, que continuou a sentir-se ainda na primeira metade do século XVIII.

Como se pode ler na introdução, a autora pretende saber “como é que as construções de arquitetura efémera se tornaram definitivas, promovendo novas ocupações da cidade (...) centr[ando]-se na leitura dos espaços públicos como elementos transformadores da cidade de Lisboa no século XVII, nomeadamente nos Pátios das Comédias e, em particular, no Pátio das Arcas” (p. 14). Partindo de uma leitura ampla do contexto seiscentista europeu sobre os espaços de representação, a autora vai progressivamente aproximando-se da realidade portuguesa.

Assim, Raquel Medina Cabeças começa por oferecer em traços gerais uma visão sobre as práticas teatrais em Itália, Inglaterra, Espanha e França, dando conta das evoluções técnicas e teóricas no que respeita à arquitectura teatral do princípio da Idade Moderna. Posteriormente, debruça-se sobre a actividade teatral em Portugal, desde a Idade Média até à Idade Moderna, num breve percurso pelas diferentes notícias que foram sendo recolhidas pelos historiadores do teatro português.

Ao focar a sua atenção nos teatros da capital portuguesa, no capítulo III, a autora chama a atenção para o problema da correspondência dos nomes dos pátios de comédias seiscentistas, elencados por diversos historiadores, com os edifícios de que há hoje conhecimento e prova documental (pp. 59-62), uma questão que dificulta o mapeamento dos teatros públicos da Lisboa seiscentista. Em seguida, a autora apresenta alguns aspectos da prática teatral portuguesa do século XVII,

fazendo menção ao modelo teatral espanhol e ao tipo de público que frequentava o teatro comercial. Destaque, ainda, neste capítulo, para os dados documentais que a autora traz pela primeira vez a lume, fornecendo importantes notícias relativas à gestão do teatro, como o *Regulamento Geral do Hospital Real de Todos os Santos*, um documento muito relevante para a história do teatro e que a autora tem a generosidade de oferecer no seu apêndice documental. Além disso, a sistematização da informação recolhida acerca do Pátio das Arcas e do Pátio das Fargas da Farinha em quadros comparativos é particularmente bem conseguida, pois ajuda o leitor a situar-se na teia complexa de notícias sobre estes dois teatros públicos, permitindo reconhecer semelhanças e diferenças tanto ao nível da actividade e da gestão destes dois espaços como das suas características estruturais e materiais.

Em virtude da natureza rarefeita, esparsa e fragmentária da documentação sobre o teatro em Portugal na época em questão, acontece por vezes, neste capítulo em particular, um tratamento pouco discriminado entre as notícias contidas na bibliografia secundária e aquelas documentalmente atestadas. Sabemos bem a dificuldade em aceder a documentos deste período, seja por impossibilidade de os localizar em arquivos e bibliotecas, seja pelo grau de deterioração em que se encontram (que frequentemente impede que sejam consultados pelo investigador). Estes obstáculos inerentes à investigação histórica e à pesquisa arquivística criam vazios difíceis de superar e, nestes casos, o recurso à literatura secundária é praticamente imprescindível. São estes mesmos escolhos que tornam toda e qualquer documentação nova trazida a lume ainda mais relevante. Seria, por isso, proveitoso destrinçar tanto quanto possível estas duas tipologias de fontes consultadas, não deixando passar despercebidas as importantes descobertas documentais e toda a informação inédita encontrada pela autora.

No capítulo IV, Cabeças centra-se no estudo da arquitectura do Pátio das Arcas de Lisboa, na senda dos trabalhos de Mercedes de los Reyes Peña e Piedad Bolaños Donoso (Peña/Donoso, 2007: 434-458) e, mais recentemente, da reconstrução virtual deste teatro (Camões *et al.*, 2015: 569-581). A descoberta de documentação nova no Archivo Regional de la Comunidad de Madrid permite à autora identificar quatro fases no desenvolvimento da estrutura do Pátio das Arcas, divergindo das duas até então consideradas (1593-1696 e 1697-1755). Raquel Cabeças propõe uma releitura da evolução da estrutura deste pátio detalhada e documentalmente fundamentada. O estabelecimento de quatro fases, que correspondem a quatro configurações deste edifício, tem como resultado uma revisão da evolução arquitectónica das Arcas, consentânea com o desenvolvimento gradual da actividade neste lugar e da(s) necessidade(s) de adaptação/transformação do espaço ao longo do tempo. O trabalho de Raquel Cabeças contribui de forma decisiva para o conhecimento, permitindo precisar a história deste edifício central na actividade teatral lisboeta desde finais do século XVI até meados do século XVIII. Para além do texto, há um recurso amplo a modos de visualização da informação (plantas, quadros explicativos e propostas tridimensionais do espaço) que contribuem sobremaneira para facilitar a leitura. Este complexo aparato paratextual revela rigor e capacidade de sistematização e comunicação, características inestimáveis quando se trata de transmitir o conhecimento entre distintos campos do saber. A par das descobertas arquivísticas, consideramos este um dos aspectos mais importantes deste volume, pois viabiliza a transmissão do conhecimento de forma muito eficaz.

Em conclusão, *O Teatro em Diálogo com a Lisboa Seiscentista* é um volume indispensável para o conhecimento da história dos espaços teatrais lisboetas do século XVII, na sua pluralidade de usos, modos de

gestão e tipologias de representação. Com base no estudo dos lugares de representação e do seu contexto urbanístico, Raquel Medina Cabeças explora diversos aspectos que dizem respeito à actividade teatral – para além dos lugares, os contextos de representação, o público, etc. –, propondo releituras de documentação conhecida e apresentando documentação inédita muito importante para o conhecimento das práticas teatrais coevas. Em particular, as suas descobertas arquivísticas permitem à autora apresentar uma nova proposta de desenvolvimento da estrutura do Pátio das Arcas de Lisboa. Com erudição e rigor científico, Raquel Cabeças contribui não apenas para a acumulação e maior precisão do conhecimento acerca deste teatro, mas também para a sua transmissão para além do universo académico. Por todos estes motivos, consideramos *O Teatro em Diálogo com a Lisboa Seiscentista* uma obra imprescindível para conhecer melhor a história do teatro em Portugal.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMÕES, J. / PEÑA, M. Reyes / DONOSO, P. Bolaños / NAVARRO, J. Ruesga / PALACIOS, V. (2015), “Reconstrucción virtual del Patio de las Arcas de Lisboa”, in Vega García-Luengos, G., Urzáiz Tortajada, H. e Conde Parrado, P. (eds.) *El Patrimonio del Teatro Clásico Español: Actualidad y Perspectivas. Homenaje a Francisco Ruiz Ramón. Actas selectas del Congreso del TC/12*. Valladolid, Ediciones Universidad de Valladolid, pp. 569–581.
- CARNEIRO, L. S. (2003), *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento. Porto, Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto.
- HENRIQUES, B. (2014), *Teatro D. Fernando: um teatro de curto prazo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa.
- PEÑA, M. Reyes / DONOSO, P. Bolaños (2007), “La Reconstrucción del Patio de Las Arcas de Lisboa tras el incendio de 1697”, *Philología Hispalensis*, 4 (1), pp. 434–458.

